

“Eles roubam seu pão e depois lhe dão uma migalha.
Então exigem que os agradeça pela generosidade.
Ó sua audácia!”

GHASSAN KANAFANI

escritor da resistência

Abdullah Omar (org.)

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que fornece informações e análises abrangentes sobre política internacional. Sua produção é disponibilizada para uso de jornalistas, acadêmicos e políticos com interesse nas regiões do Norte da África e Oriente Médio — com destaque para a questão palestina. O portal em português também inclui informações e análises sobre América Latina.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, dos direitos humanos e da lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça.

O MEMO gostaria de ver um Oriente Médio definido por princípios de igualdade e justiça, ao promover a restauração dos direitos palestinos, incluindo o direito de retorno e um Estado palestino democrático com Jerusalém como sua capital. O MEMO defende também um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Ao assegurar que formuladores de políticas sejam melhor informados, por meio de uma cobertura de mídia justa e embasada, o MEMO busca promover um maior impacto nos atores responsáveis por decisões-chave que afetam políticas regionais e internacionais.

Título: Ghassan Kanafani, escritor da resistência

Publicado em julho de 2022.

Esta publicação preserva os direitos de copyright dos autores. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, transmitida ou distribuída, por qualquer forma ou meio, sem expressa autorização prévia dos detentores dos direitos autorais.



Monitor do Oriente Médio
Avenida Conselheiro Carrão, 1077
Sala 706, Vila Carrão São Paulo
Estado de São Paulo, Brasil
+55 (11) 2093-0599
www.monitordooriente.com

GHASSAN KANAFANI

escritor da resistência

Abdullah Omar (org.)

Jornalista e crítico nascido em Ramallah, especializado em Gestão Esportiva pela FIFA/CIES. Diretor do Fórum Latino-Palestino e colaborador do MEMO, escreve em inglês, árabe e português.



Este material foi produzido a partir de diversos textos e depoimentos sobre Ghassan Kanafani, incluindo trechos de sua esposa, seu irmão, amigos escritores, jornalistas e pesquisadores. Textos sobre etapas de vida de Kanafani foram extraídos de estudo elaborado pelo crítico iraquiano Mohsin Atique Khan.

Prefácio

A caneta era a velha e contínua arma que incomodava o sono dos ocupantes e colonizadores com nomes e títulos diversos. Centenas de políticos e militantes árabes que percorreram esse caminho não possuíam uma arma para enfrentar os exércitos das forças coloniais francesas e britânicas. Apesar disso, o impacto de suas canetas frente ao colonialismo equivale ao impacto de mil canhões e um milhão de fuzis. No caminho dessas pessoas, andou Ghassan Kanafani, e não há dúvida de que essa formação teve grande impacto na formação da personalidade de Ghassan a partir de seu contemporâneo com os crimes das quadrilhas sionistas e o deslocamento de seu país e o êxodo para o Líbano, e depois para a Síria, onde o núcleo de um escritor distinto e brilhante e jornalista de sucesso começou a se formar.

As calamidades e dificuldades são um útero e um ambiente fértil para a educação dos grandes e corajosos. Talvez nossos países árabes, há centenas de anos, tenham sido a sucessão dos novos impérios coloniais sobre nós, pois foram campo de sucessivas derrotas que nos afligiram de decepções, sem as quais nosso país não teria produzido heróis e lutadores que gastaram seus vive resistindo a esses grandes impérios, ignorando castigos ou balas e pólvora.

O nome de Ghassan Kanafani brilhou ao escrever literatura e romance palestinos, e ele é considerado um dos mais importantes escritores que fundaram a literatura palestina após a Nakba e restauraram a consciência sobre ela. Ele era conhecido como um jornalista e ativista que carregava a causa palestina e suas preocupações em tudo o que escrevia, pois seus escritos eram inspirados no pulso e na realidade das ruas palestinas. Foi ele quem lançou a pedra fundamental para o que é conhecido como “Literatura de Resistência”. Para completar os capítulos da sua saga, Kanafani pagou com a vida pelo que escreveu com a caneta e

pintou com o pincel. Ghassan foi um dos que lutou sinceramente para transformar o movimento de resistência de um movimento de libertação nacional palestino em um movimento revolucionário nacionalista árabe socialista no qual a libertação da Palestina é um componente essencial. Ele sempre enfatizou que o problema palestino não seria resolvido isoladamente da situação social e política geral do mundo árabe.

Faiha Abdul Hadi, diretor da Al-Rawat Foundation for Studies and Research, diz: Kanafani foi um fenômeno literário distinto, pois combinou vários campos de conhecimento em seu estilo... A crença de Kanafani na justiça de sua causa explorou os fatores embrionários que fazem a mudança e acendem a esperança novamente.

Sobre isso, diz Kanafani: Aprendemos com as massas e as ensinamos, mas parece-me certo que ainda não nos formamos nas escolas das massas; O verdadeiro mestre é permanente, cuja revolução, na pureza de suas visões, é parte inseparável do pão e da água, e paralisa a labuta e o batimento cardíaco.

Além disso, só os interessados sabem que Kanafani era, além de sua criatividade jornalística, não ficcional e romancista, e seu papel de luta política, também um artista plástico criativo. Este é um aspecto importante de sua jornada de doação, um aspecto que lhe permitiu descarregar seus pensamentos, ilusões e visões em superfícies brancas para serem pinturas através das quais ele simula outras. Na experiência humana criativa, a escrita não se distancia muito do desenho. Embora difiram nas ferramentas de criação, meios de expressão e métodos de propagação, pertencem a mundos criativos convergentes que falam à consciência e à alma, e procuram revelar a essência das coisas com os materiais mais frágeis e delicados: tinta e cor. Há muitas experiências de escritores criativos que demonstraram essa relação de estima entre a escrita e a pintura.

Kanafani apresentou mais de vinte obras de literatura árabe, incluindo o conto, o romance, a literatura teatral e os estudos literários. Ele também escreveu centenas de artigos políticos e culturais. Seus romances eram um pouco curtos, mas ele resumia tudo o que queria dizer. Eram densos, profundos e falantes, pois ele adotava o estilo de experimentação artística, e a cada vez descobria uma nova forma de apresentar suas obras distintas... A questão da terra e da humanidade era central para ele.

O começo

Ghassan nasceu na cidade do Acre em 1936, numa época em que a Palestina presenciava a “Grande Revolução Palestina” (1936-1939). Seu pai, Fayez Kanafani, era advogado na cidade de Jaffa e o levou para estudar em suas escolas. Quando tinha dois anos, seu pai o matriculou no jardim de infância do Sr. Wadi Seri, onde recebeu suas primeiras aulas de árabe, inglês e francês, e depois ingressou na Freer Scholl. [1]

Deslocamento e alienação

Alguns anos depois que Ghassan entrou na escola em Jaffa, quando a cidade de Jaffa foi submetida ao primeiro ataque sionista aos palestinos após a decisão de dividir a Palestina em 1947, seu pai foi forçado a retornar com sua família para Acre. [2] Lá ficaram apenas alguns meses. Acre também se tornou alvo do brutal ataque sionista e da limpeza étnica no final de abril de 1948. A cidade, que tinha uma população de 1.800 pessoas quando a decisão de partilha foi emitida, passou a abrigar mais de 40.000 pessoas depois de se tornar um abrigo para imigrantes da cidade de Jaffa, Haifa e das aldeias vizinhas que haviam caído antes dela. Em 25 de abril de 1948, os sionistas bombardearam Acre com foguetes e morteiros, o que levou à morte de um grande número de moradores. [3]

Adnan Kanafani, irmão de Ghassan, apresentou um retrato do ocorrido, conforme disse: “Era uma das noites do final de abril de 1948, quando ocorreu o primeiro ataque à cidade do Acre, os imigrantes permaneceram fora, em Napoleon Hill, e os combatentes saíram para defender sua cidade, e os homens da família se posicionaram na casa do nosso avô que fica na periferia da cidade, e cada um carregou o que pode de armas, a fim de defender mulheres e crianças se necessário . Menciona-se aqui que alguns oficiais do Exército da Salvação estavam conosco e estávamos servindo café a eles, sabendo que seu esquadrão liderado por Adib Shishakli estava estacionado nos arredores de nossa cidade. As histórias dos massacres de Deir Yassin, Jaffa e Haifa, cujo povo se refugiou em Acre, eram frequentes, e as imagens ainda estavam frescas em suas mentes. E nessa atmosfera, Ghassan estava sentado em silêncio, como sempre, para ouvir e observar o que estava acontecendo.” [4]

A última frase de Adnan indica que Ghassan foi um observador cuidadoso, e essa observação precisa teve um grande impacto em seu encontro com os heróis vivos da comunidade para suas histórias e romances.

Após o primeiro ataque e o medo que afligiu os refugiados sobre o que eles testemunharam de matança brutal e destruição e massacres horríveis em suas cidades e aldeias, e por causa da falta de comida e água. Os sionistas poluíram as águas do canal que forneceu à população de Acre germes de febre tifóide. As famílias começaram a migrar do Acre para os países árabes vizinhos em barcos por mar e em caminhões, antes que o cerco a Acre começasse em 28 de fevereiro de 1948. Quando Acre caiu, os sionistas mataram mais de cem civis, incluindo um grande número de velhos e crianças. [5]

A família de Ghassan foi uma das que conseguiu migrar de caminhão para o Líbano, e desembarcou em Sidon. Lá seu pai alugou um lugar na cidade de “Ghazieh” e eles ficaram lá. Mas o lugar não era bom porque

seu pai gastara tudo o que ganhou na construção de sua casa em Acre e na construção de um casa para ele no bairro Al-Ajami de Jaffa, e ele tinha pouco dinheiro. Não era suficiente para alimentar a família e, além disso, ele não encontrou um local de trabalho que o ajudasse a passar a vida nesta pequena cidade. Depois de quarenta dias, ele viajou com sua família e perambulou por Aleppo e depois Al-Zabadani, e no final encontrou a oportunidade mais ampla para trabalhar como advogado em Damasco.

Os estudos e o início da vida política

O pai de Ghassan abriu um escritório para exercer a advocacia e obteve sucesso em sua profissão. A condição da estranha família que vivia uma vida dura até então melhorou, e seus filhos tiveram a oportunidade de completar seus estudos, então Ghassan aproveitou a oportunidade e iniciou seu ensino médio, através do qual demonstrou sua superioridade no desenho e na literatura árabe. Seus talentos estavam florescendo, pois começou a declamar poesia, escrever peças sentimentais e teatrais, e ainda sem terminar o ensino médio, e também começou a corrigir ensaios para alguns jornais para ganhar algum dinheiro que ajudaria seu pai.

Quando Ghassan completou sua educação secundária em 1952, ele também obteve um certificado de ensino, além de um diploma de ensino médio. Ele começou sua carreira e trabalhou como professor de educação artística em uma das escolas da “Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina” (UNRWA) em Damasco. Além de seu trabalho de ensino, ingressou no Departamento de Língua Árabe da “Universidade de Damasco” para praticar seus estudos superiores em literatura árabe e preparou sua tese intitulada “Raça e religião na literatura sionista”, e lá conheceu George Habash em 1953, que o convidou para se juntar ao “Movimento Nacionalista Árabe”. [6]

Ghassan se envolveu no “Movimento Nacionalista Árabe” e se tornou um membro ativo dele, e suas atividades levaram a um confronto com seu pai, que desejava que Ghassan completasse seus estudos, e acabou sendo demitido da universidade em 1955, e ele passou apenas dois anos na universidade. [7]

No Kuwait

Depois de ser expulso da universidade por causa de suas atividades políticas, Ghassan foi para o Kuwait no mesmo ano para trabalhar lá como professor de desenho e esportes, e se juntou à irmã Faiza e ao irmão Ghazi, que o precederam no Kuwait por anos, para ensinar na Kuwait Knowledge Foundation. [8] E aí começou uma nova etapa de sua vida, que tem um papel importante na formação de sua personalidade em termos de desenvolvimento de suas ideias, em termos de estudo e como ponto de partida para a produção literária.

Em termos de desenvolvimento de ideias, quando chegou ao “Kuwait” viu-se numa sala habitada por seis colegas, todos de tendências comunistas, por elas influenciados, bem como muito influenciados pelo marido da sua irmã, que pertencia a uma organização comunista, e era um de seus membros mais importantes. Por isso ele tendia ao comunismo e começou a estudar o marxismo em profundidade. [9] Ghassan falou – em entrevista a um escritor suíço – sobre sua relação com o socialismo e sua adoção dos princípios comunistas, e o desenvolvimento do movimento nacionalista árabe em um movimento marxista: “Posso dizer que o movimento nacionalista árabe incluiu alguns elementos jovens, e eu estava entre eles, que zombavam da sensibilidade dos idosos para com o comunismo, e claro que não éramos comunistas naquela época, e não éramos a favor do comunismo. No entanto, nossa sensibilidade ao comunismo era menor do que a dos idosos e, portanto, a nova geração desempenhou um papel proeminente no desenvolvimento do movimento nacionalista árabe

em um movimento marxista-leninista. O principal fator nisso foi o fato de que a maioria dos membros do movimento nacionalista árabe era da classe pobre, enquanto os membros pertencentes à pequena burguesia, ou a grande burguesia, eram em número limitado... estágio inicial através da minha leitura e admiração pelos escritores soviéticos.” [10]

Em termos de estudo, sua estadia no Kuwait foi uma oportunidade de estudo extenso e profundo, então ele começou a estudar literatura árabe e marxismo, e seu irmão Adnan Kanafani menciona o que disse sobre o desejo de estudar de Ghassan. “Ele não se lembra de um dia em que dormiu sem terminar de ler um livro inteiro ou nada menos que seiscentas páginas, e estava lendo e compreendendo de uma maneira incrível.” [11].

Quanto ao ponto de partida para a produção literária, em 1956 Ghassan se envolveu na gestão do jornal kuwaitiano Al-Rai, porta-voz do “Movimento Nacionalista Árabe” [12] e começou a escrever um comentário político assinado como Abu Al-Ezz que chamou a atenção das pessoas. [13] E no Kuwait, seus abundantes talentos em escrever contos surgiram. Lá ele escreveu vários de seus primeiros contos, que publicou neste jornal, dos quais os mais importantes são *Um papel de Ramla*, *Um papel de Gaza*, *Um papel de Tira* e *Até Nós voltamos*, *Um caminho para um traidor*, *A Terra das Laranjas Tristes* e *A Camisa Roubada*, título de uma das suas coleções contos. [15]

Em Beirute

George Habash o convidou para trabalhar como editor literário na revista *Liberdade*, que foi comprada pelo Movimento Nacionalista Árabe em Beirute para ser sua revista oficial, então Ghassan deixou o Kuwait em 1960 para o Líbano e escolheu residir em Beirute. [16] Lá, ele encontrou a oportunidade de conhecer de perto as correntes literárias e políticas, mesmo em um curto espaço de tempo que, devido às suas atividades

de libertação, seu entusiasmo pela causa palestina e sua extensa cultura, tornou-se referência para os interessados na causa palestina. No ano seguinte, entrou na melhor metade de sua vida e casou-se com uma dinamarquesa, Anni Hoover, que veio a Beirute para ver de perto a causa palestina. Ghassan a conheceu através de alguns de seus amigos que o apresentaram a ela como referência para a causa palestina.

Annie Hoover era uma mulher dinamarquesa que se familiarizou com a causa palestina e a injustiça que recai sobre os palestinos através de alguns estudantes palestinos na Dinamarca. Então Ghassan explicou o assunto para ela, visitou os campos com ela, e mostrou-lhe a dura vida lá, então ela foi afetada por este caso, bem como pela personalidade de Ghassan, e seu entusiasmo pela causa, desta forma ele propôs a ela o casamento: “Sou diabético, pobre, não tenho dinheiro, não tenho identidade, trabalho na política e minha vida não é segura!” Depois de dez dias, ela aceitou e eles se casaram. Anni estava com ele nas dificuldades e facilidades, e o ajudava a organizar sua vida irregular e a fortalecer seu corpo magro, exausto pelo diabetes e pela artrite. Também auxiliou Ghassan no fornecimento de materiais para seu estudo de “Literatura de Resistência na Palestina Ocupada”. No ano seguinte ao casamento, Ghassan e Annie tiveram um filho, a quem chamaram de “Fayez”, e depois tiveram uma filha, a quem chamaram de “Laila”.

Ghassan passou pelas mais duras condições em Beirute quando foi forçado a desaparecer em 1962 por não ter documentos oficiais, e durante seu desaparecimento, quando teve que parar de escrever em jornais, teve a oportunidade de escrever seu primeiro romance famoso *Homens ao sol*. No ano seguinte, 1963, ele apareceu como editor-chefe do jornal diário *Al-Muharrar*, que representava a teoria das forças nasseritas avançadas, e editor de seu suplemento semanal, *Palestina*. Nele publicou o melhor e mais famoso e seu primeiro romance, *Homens ao Sol*, que é considerado um marco importante no percurso do romance árabe em geral e no

romance palestino em particular, que lançou luz sobre o estado de rendição e subserviência que o povo da Palestina estava passando, seja na terra ocupada ou no exílio. [17]

A vida de Ghassan em Beirute foi carregada de atividades políticas e literárias, então o encontramos visitando a Índia e a China em 1965, mas infelizmente não encontramos detalhes de sua visita à Índia como não encontramos detalhes de sua visita ao Iraque durante sua estada no Kuwait, mas escreveu uma viagem sobre sua visita à China intitulada “Então a Ásia brilhou”, que foi publicado em episódios em 1965. No ano seguinte, Ghassan publicou seu segundo romance, *O que restou para vocês*, pelo qual ganhou o *Book Friends Award* no Líbano. No mesmo ano, ele publicou seu famoso estudo *Literatura de Resistência na Palestina Ocupada 1948-1966*, que definiu a literatura de resistência e trouxe à luz a literatura palestina na terra ocupada e reclusa.

Em 1967, Ghassan ingressou no conselho editorial do jornal nasserita *Al-Anwar* e trabalhou como editor-chefe de sua revista semanal. No mesmo ano, participou da fundação da Frente Popular pela Libertação da Palestina (FPLP), liderada por George Habash após o colapso do Movimento Nacionalista Árabe. Ele se tornou um membro de seu escritório político e seu porta-voz da mídia. Em 1969, ele deixou o jornal *Al-Anwar* e estabeleceu uma revista para a FPLP chamada *Al-Hadaf* e chefiou sua redação até ser assassinado como mártir. [18]

Na verdade, *Al-Hadaf* era um jornal político diário publicado em Beirute, mas quando a Frente Popular comprou sua franquia, o jornal tornou-se uma revista central da Frente e começou a publicar vinte páginas por semana, e Ghassan era seu editor-chefe. Ele expressou o propósito de sua publicação em seu primeiro número, emitido em 26 de julho de 1969, com sua “rejeição a todas as fórmulas impotentes que às vezes adotam o caráter de igualdade, e às vezes o caráter de compromisso, e às vezes

o caráter de mediação e abraça essa rejeição revolucionária como base para a batalha fatídica de desamparo e fracasso.....e que não permitia que posições de improvisação e explosões de emoção substituíssem a posição de objetividade e ciência.” [19]

Martírio

Em julho de 1972, a sobrinha de Ghassan, Lamis, que havia concluído o ensino médio no mais alto escalão do Kuwait, frequentou a Universidade Americana de Beirute. No dia 8 de julho, Ghassan saiu com Lamis para levá-la à universidade e terminar lá os procedimentos de matrícula. Mas assim que ele entrou no carro e moveu o volante, um dispositivo explosivo colocado nele pelo serviço de inteligência israelense (Mossad) explodiu, matando-os. Sua esposa, Annie, conta sobre este incidente: “ Dois minutos depois que Ghassan e Lamis, sua sobrinha, saíram, ouvimos uma terrível explosão que quebrou todas as janelas da casa. Desci as escadas e corri para encontrar os restos queimados de seu carro. Ghassan, eu chamei por ele! Então eu descobri sua perna esquerda... Fiquei imóvel.” [20]

Beirute testemunhou uma grande multidão no funeral de Ghassan, e talvez seu funeral tenha sido a maior manifestação política após a morte de Gamal Abdel Nasser. [21] Os restos mortais de Ghassan foram enterrados no Cemitério dos Mártires em Beirute, e seus assassinos mais tarde confessaram seu assassinato. Em 22 de janeiro de 1973, um jornal israelense (*Jerusalem Post*) informou que agentes israelenses foram responsáveis pela morte de Ghassan, [22] e os líderes da entidade sionista admitiram oficialmente em outubro de 2005 que agentes do Mossad mataram Ghassan colocando um dispositivo explosivo em seu carro. [23] Seu martírio foi apenas um episódio da trama dos sionistas para assassinar gênios e líderes palestinos que desempenham um papel na luta contra a agressão sionista. O assassinato de Ghassan Kanafani foi uma conti-

nuação dos assassinatos de líderes palestinos e liquidações físicas por meio de pacotes bombardeados, carros detonadores e colocação de bombas-relógio em carros, telefones e quartos, que mataram um grupo dos melhores homens da Palestina e do mundo árabe, incluindo escritores e criadores, nos países da diáspora e do exílio.



Rara fotografia do funeral de Ghassan Kanafani,
em Beirute, Líbano, 8 de julho de 1972

A filosofia de Ghassan Kanafani

Sua literatura é realista e despretensiosa, discutindo questões de importância de forma contundente. Ele foi capaz de pintar os detalhes do sofrimento e a enormidade da ocupação de uma forma profunda que penetra na alma. Ghassan não chora pelo passado e suas glórias, como muitos fazem. Ele tinha uma consciência brilhante, acreditava no futuro, e isso ficou evidente quando disse: Erramos quando consideramos que a pátria é apenas o passado, a pátria é o futuro. Sua literatura é caracterizada pela simplicidade, clareza e enredo violento direto. Se as obras de Ghassan forem lidas isoladamente da causa palestina, muitos se verão nela. Quem roubou sua casa à força se verá no romance *Retorno à Haifa*, aqueles derrotados pelas circunstâncias e meios de subsistência e mortos pelo medo podem se ver em *Homens ao Sol*, suas obras têm uma dimensão resistiva, humana e moral, clara e franco que não muda com o tempo.

Na mesma direção, o que contribuiu para a distinção de Ghassan Kanafani dos demais escritores da resistência foi “sua formação na dialética da pátria e do asilo, e a formação de sua consciência na luta pela existência palestina, que fazia parte de sua dor, bem como sua afiliação precoce ao campo intelectual de esquerda. Sua produção de conhecimento carregava padrões cognitivos e filosóficos. A experiência literária de Ghassan era rara no caso palestino, pois combinava brilhantemente as contradições, e era revolucionário, pois era político, crítico, escritor, jornalista e amante ao mesmo tempo!” Kanafani também se destacou pelo domínio do uso da linguagem com facilidade, tornando seus leitores pessoas de todas as idades e diferentes níveis intelectuais e culturais.

Kanafani também se destacou por seus escritos críticos, que hoje não existem mais, em meio à tendência a favorecer blocos ou partidos políticos. Esse papel “é determinado pelo próprio escritor, como ser humano, e a escolha da participação e (engajamento) foi escolhida por Ghassan

usando todas as suas capacidades”, destacando a importância da “crítica constante à direção revolucionária, confrontando-a e questionando-a para que não se desvie”. Além disso, “a crítica e a participação dão força às ideias e uma grande capacidade de mobilização pessoas e fazer mudanças.” Ghassan não escreveu apenas para lamentar ou expressar o que estava dentro dele, mas também para fazer uma mudança e uma diferença no futuro.

Escritores literários não são necessariamente críticos envolvidos em questões nacionais e públicas, mas o desastre ocorre quando eles ficam do lado da reação e da opressão! No mesmo contexto, deve-se destacar o papel pioneiro na educação e esclarecimento que distinguiu Ghassan Kanafani, e com o qual acrescentou apoio cultural e intelectual à revolução palestina. Ele apresentou uma crítica da literatura de resistência e estudos de pesquisa sobre a narrativa palestina. “Hoje lembramos Ghassan em uma realidade política em que a democracia está ausente das estruturas organizacionais dos partidos, e isso contribuiu para o seu declínio. Portanto, precisamos de uma revisão intelectual dessa realidade, onde sentimos falta do escritor político crítico – como foi Ghassan”, principalmente no conceito nacional.

Ghassan pintou um quadro ideal da resistência, que às vezes existia e se tornava um sonho outras vezes! Ele acreditava que “a resistência e a liderança sempre precisam de um confronto real de pessoas que tenham capacidade e coragem suficientes, para que não continuem orbitando longe das pessoas e de seus sonhos”. Ghassan também “incorporou os dilemas morais, que expõem a ocupação e a abrem ao povo. Fez deles enredos de suas histórias, em que os inimigos eram sempre claros, o que deu à resistência seu valor e suas diversas formas”. Ele também jogou política, literatura e pensamento brilhantemente, para inventar uma teoria que ele considerava um método filosófico de ocupação de resistência, e na interpretação de questões sociais, culturais e políticas.

A visão de Ghassan era que “uma revolução separada do conhecimento é uma revolução incompleta, e ele estabeleceu um conhecimento que seria a ferramenta e o meio de libertação do revolucionário palestino, tanto da reação quanto do colonialismo. Assim, ele descreveu a sociedade com precisão e forneceu soluções – condizentes com a dignidade humana – para os problemas que experimentou em seu tempo e no nosso “. A Palestina na mente de Ghassan Kanafani não era uma terra e um povo, mas uma história sobre a dor humana existencial. Ele também deixou claro em sua literatura que a resistência é a única opção para se livrar da ocupação, com foco no impacto da ocupação sobre as pessoas e o curso de suas vidas, e isso apareceu em *Homens ao Sol*. Ele também o incorporou brilhantemente em *Retorno à Haifa* e pediu resistência com tudo o que temos e tudo o que podemos, abraçando-o em pensamento, método e comportamento, e basta citar o que Golda Meir, que era o chefe do governo sionista no momento de seu assassinato, disse: “Hoje nos livramos de uma brigada ideológica armada!”

Entrevista a Richard Carleton

Para saber mais sobre a filosofia de Ghassan Kanafani, destacamos sua entrevista com o jornalista australiano Richard Carleton sobre o que ocorria na região. Suas respostas foram precisas e diretas.

Richard Carleton: O líder de Beirute da Frente Popular (FPLP) é Ghassan Kanafani. Ele nasceu na Palestina, mas fugiu em 1948, como ele diz, do terror sionista. Desde então, ele planeja a destruição de ambos; os sionistas e os árabes reacionários.

G. Kanafani: O que eu realmente sei é que a história do mundo é sempre a história das pessoas fracas lutando contra as pessoas fortes. De pessoas fracas que têm um caso correto, lutando contra as pessoas fortes que usam sua força para explorar os fracos.

Richard Carleton: Volte-se para a luta que vem acontecendo na Jordânia nas últimas semanas. É a sua organização que tem sido um lado da luta. O que conseguiu?

G. Kanafani: Uma coisa. Que temos um caso pelo qual lutar. Isso é muito. O povo palestino prefere morrer de pé do que perder o caso. O que conseguimos! Conseguimos provar que o rei está errado. Conseguimos provar que esta nação vai continuar lutando até a vitória. Conseguimos que nosso povo nunca pudesse ser derrotado. Conseguimos ensinar a cada pessoa deste mundo que somos uma pequena e corajosa nação que vai lutar até a última gota de seu sangue. Colocar a justiça para nós mesmos depois que o mundo falhou em nos dar. Isto é o que temos conseguido.

Richard Carleton: Parece que a guerra, a guerra civil tem sido bastante infrutífera...

G. Kanafani (*interrompe indignado*): Não é uma guerra civil. É uma luta popular, defendendo-se contra um governo fascista, que você está defendendo só porque o rei Hussain tem passaporte árabe. Não é uma guerra civil.

Richard Carleton: Ou um conflito?

G. Kanafani: Também não é um conflito. É um movimento de libertação lutando por justiça.

Richard Carleton: Bem, seja o que for, mas...

G. Kanafani (*interrompe novamente indignado*): Não é nada disso. Porque é aqui que começa o problema. Isto é o que você tem em mente enquanto me faz todas as perguntas. É exatamente aqui que o problema começa. Este é o povo que é discriminado, que está lutando por seus direitos. Isso é histórico. Se você disser que é uma guerra civil, então suas perguntas serão justificadas. Se

você diz que é um conflito, é claro que será uma surpresa saber o que está acontecendo.

Richard Carleton: Por que sua organização não se envolve em negociações de paz com israelenses?

G. Kanafani: Você não quer dizer exatamente negociações de paz, você quer dizer capitulação, você quer dizer rendição.

Richard Carleton: Por que não apenas falar?

G. Kanafani: Falar com quem?

Richard Carleton: Fale com os líderes israelenses.

G. Kanafani: Isso é uma espécie de conversa entre a espada e o pescoço, você quer dizer!

Richard Carleton: Quando não há espada e armas na sala, você ainda pode falar.

G. Kanafani: Não. Nunca vi uma conversa entre o colonizador e um movimento de libertação nacional.

Richard Carleton: Mas, apesar disso, por que não falar?

G. Kanafani: Falar sobre o quê?

Richard Carleton: Fale sobre a possibilidade de não lutar.

G. Kanafani: Não lutar por quê?

Richard Carleton: Não lutando, não importa para quê.

G. Kanafani: As pessoas geralmente lutam por algo e param de lutar por algo. Então você não pode me dizer nem por que devemos falar e sobre o quê. Ou falar sobre parar de lutar. E por que deveríamos?

Richard Carleton: Fale para parar de lutar, para parar a morte e a miséria, a destruição, a dor.

G. Kanafani: A miséria, a destruição, a dor e a morte de quem?

Richard Carleton: De palestinos, de israelenses, de árabes.

G. Kanafani: Do povo palestino desarraigado, abandonado nos campos, passando fome, assassinado há vinte anos e proibido de usar até o nome palestino?

Richard Carleton: Então é melhor parar a guerra para acabar com as mortes.

G. Kanafani: Talvez para você, não para nós. A nós, libertar nosso país, ter dignidade, ter respeito, ter nossos meros direitos humanos; estes são algo tão essencial quanto a própria vida.

Richard Carleton: Você chamou o rei Hussain de fascista. A quem mais entre os líderes árabes você se opõe totalmente?

G. Kanafani: Consideramos os governos árabes de dois tipos. Algo que chamamos de reacionários, que estão completamente ligados aos imperialistas, como o rei Hussain, como o governo da Arábia Saudita, o governo marroquino e o governo tunisiano. E então temos alguns outros governos árabes que chamamos de governos pequeno-burgueses militares como Síria, Iraque, Egito, Argélia e assim por diante.

Richard Carleton: Só para terminar, deixe-me voltar ao sequestro do avião. Pensando bem, você acha agora que isso é um erro?

G. Kanafani: Não cometemos um erro ao sequestrá-los. Eles nos contestam. Fizemos uma das coisas mais corretas que já fizemos.

Ghassan Kanafani e a família

“O Combatente Palestino” é o rosto mais prevalente do romancista e jornalista palestino Ghasani Kanafani, e entre o lutador que pagou sua vida pela causa pela qual viveu e o amante de sua família, muitos não prestaram atenção as outras faces deste ele. Aquele que ama sua família e o marido e pai dedicado cuja esposa diz que “amou seus dois filhos a ponto de os adorar”.

Em entrevista à imprensa, Adnan Kanafani diz sobre seu irmão: “Éramos estranhos, parceiros na cama, parceiros no peito de minha mãe e parceiros em uma jornada de asilo, exílio e diáspora. Amadurecemos antes do nosso tempo natural, pois nossa infância se perdeu nos fios do exílio e do asilo.” Ele acrescentou que Ghassan era o mais próximo dele entre seus irmãos, de modo que eles não escondiam nada um do outro, e havia segredos entre eles, sobre os quais ele diz: “Não excedem sonhos e fantasias, e sempre houve muito de esperança e tristeza neles, e projetos que morreram antes de ver a luz.”

Sarah Darwish

Annie à imprensa

Quanto a Annie, ela disse em entrevista à imprensa: desde os primeiros dias do meu encontro com Ghassan, senti que era uma pessoa extraordinária. Nossa relação pela causa palestina se transformou em uma relação pessoal e, apesar de sua condição insegura, Ghassan, o palestino, não tinha passaporte nem dinheiro, e sofria de uma doença incurável, diabetes, então logo descobrimos que só a morte poderia diferenciar um do outro.

Fui muito influenciada pelas ideias de Ghassan, mas ele nunca as impôs a mim. Isso se aplica aos nossos amigos estrangeiros que descobriram a causa palestina por meio delas. Mais tarde, muitos deles se interessaram por essa questão em seus próprios países. Quanto ao meu relacionamento com a família de Ghassan, era íntimo. Sua família me acolheu desde o início com toda a hospitalidade e carinho que possuía, e passei a gostar muito de seus membros. Nossa vida de casados foi baseada em confiança, respeito e amor, por isso sempre foi importante, bonita, forte. Nosso primeiro filho nasceu em 24 de agosto de 1962 e nós o chamamos de “Fayez”, que significa vitorioso com o nome de seu avô.

Ghassan amava seus dois filhos a ponto de os adorar, e muitas vezes escrevia sobre eles, e apesar do pouco tempo que passava conosco, costumava brincar com eles muitas vezes e ensinar-lhes muitas coisas. E raramente perdia a paciência, e nunca os atingia. Seu prazer em sua companhia se estendia aos amigos, muitas vezes levando-os ao cinema ou compartilhando seus jogos com eles em nossa casa. Uma semana antes da guerra de junho de 1967, a mãe de Ghassan morreu repentinamente em Damasco depois de sofrer um ataque cardíaco. Mas ele não derramou uma única lágrima durante seu funeral, pela sinceridade de seu profundo amor por ela, e até tentou inspirar seu pai e os outros membros da família. No entanto, no caminho de volta para Beirute, Ghassan desmaiou e, pela primeira vez na vida, vi lágrimas em seus olhos.

Em nenhum momento duvidei que Ghassan tivesse escolhido o caminho certo. E se eu tivesse tentado impedi-lo de continuar sua luta e compromisso político, ainda teria meu marido, mas ele não seria aquele homem delicado e honrado que eu amava e admirava.

Registros de Khalid Juma'a

A carta de George Habash a Annie Kanafani após o assassinato de Ghassan

Lembre-se, você tem a causa pela qual Ghassan lutou.

Querida Aninha,

Incomoda-me muito que a minha capacidade de expressão em inglês, que não é a minha língua materna, não seja suficiente para me permitir expressar tudo o que sinto e tudo o que quero dizer nestes momentos difíceis. Para mim pessoalmente e para a FPLP em geral, Ghassan era uma pessoa querida e indispensável, e devo admitir que sofremos um golpe doloroso.

Mas agora, Annie, todos nós, e você em particular, devemos enfrentar a seguinte pergunta: O que podemos fazer por um homem e companheiro com tanta devoção e amor que ele tinha? Parece haver apenas uma resposta: suportar toda a dor, que nenhum de nós pode evitar, com coragem e depois fazer mais e melhor, lutar mais e melhor.

Você sabe muito bem, querida irmã, que Ghassan estava lutando por uma causa de direitos, você também sabe que nosso povo palestino luta por justiça há mais de cinquenta anos. No período recente, as verdadeiras forças revolucionárias em todo o mundo apoiaram esta luta. Isso significa que o sangue de Ghassan correu junto com aquele grande rio de sangue que as massas de nosso povo pagaram durante os últimos cinquenta anos como preço para obter liberdade e justiça.

Não preciso dizer que as experiências dos povos oprimidos em todo o mundo nos ensinam que esta é a única maneira de derrotar o sionismo, o imperialismo e as forças reacionárias em todo o mundo.

Annie, eu sei exatamente o que a perda de Ghassan significa para você, mas por favor lembre-se que você tem Fayez, Laila e milhares de irmãos e irmãs que são membros da FPLP. Acima de tudo, você tem a causa pela qual Ghassan lutou. Annie, sua coragem nesses momentos difíceis significa muito para nós, para mim e todos os companheiros e lutadores, deve consolá-los e aumentar sua coragem que o inimigo tremeu com o pensamento representado por Ghassan e isso é um sinal de vitória certa.

O que quero enfatizar é que precisamos da sua coragem e do seu sentimento de que você não está e nunca estará sozinha. Eu e todos os companheiros de Ghassan permaneceremos seus irmãos fiéis.

George Habash

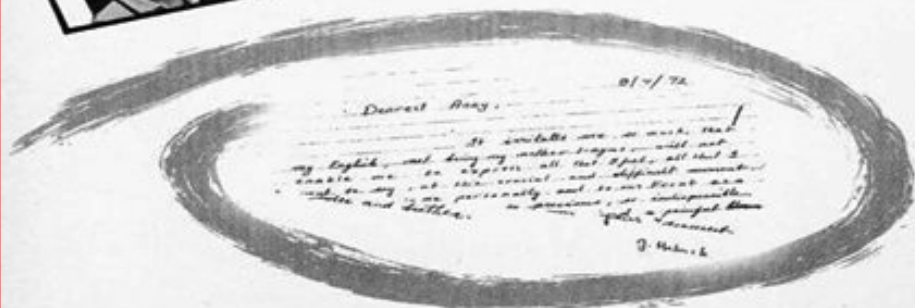
Na página seguinte:

Imagem da carta que George Habash enviou para Annie Kanafani.

في هذه الرسالة يحاول المؤلف جورج جيس أن يعبر عن مشاعر
ومشاعر كل مناضل في صفوف الحركة الشعبية ، بل وكل فرد من
الإنسانية المتحررة التي أصبحت تفسان وقصته وشعبه ..
وقد نرى في كتابه أن لا يكون هذا ...

[illegible]

جودج حبشی



Opiniões sobre Ghassan Kanafani

A segunda vida de Ghassan Kanafani

No início da década de 1970, três intelectuais palestinos – Ghassan Kanafani, Majed Abu Sharar e Kamal Nasser – colaboraram para formar o Movimento de Libertação da Palestina – Gabinete de informação da organização. Em uma década, os terroristas israelenses conseguiram matar todos os três – Kanafani em 1972, Nasser em 1973 e Abu Sharar em 1981.

O movimento sionista nunca se preocupou em distinguir em suas campanhas de matança entre civis e alvos militares: de fato, em muitas ocasiões o governo israelense (ou mesmo o movimento sionista antes do estabelecimento do estado de ocupação) alvejou civis com o propósito de criar terror entre a população. Presumivelmente, Israel queria matar Kanafani e silenciar sua voz. No entanto, o plano não funcionou como pretendido. E cinquenta anos este mês desde seu assassinato, a presença de Kanafani é onipresente.

Nas redes sociais árabes, mesmo entre a geração jovem que não está acostumada a ler livros, elas é notada em todos os lugares. Sua imagem se torna a foto de perfil de inúmeros árabes, e as citações de seus artigos enchem o espaço das redes sociais. Seus desenhos, cartazes e desenhos são bastante comuns nos dias de hoje. Eles permanecem como símbolos da revolução e da Palestina e muito mais.

Eu nunca conheci Ghassan Kanafani: ele foi assassinado quando eu tinha apenas 12 anos. No entanto, ouvi falar dele desde cedo; Não me lembro de quando não reconheci o nome dele. Meu tio, Naji AbuKhalil, trabalhou com Kanafani em Huriyyah, o porta-voz do Movimento Nacionalista Árabe. A revista era sede de intelectuais de vanguarda que

falavam de artes, literatura e política. Essas foram as pessoas que apresentaram os leitores árabes aos escritores esquerdistas franceses e que falaram da causa palestina em uma linguagem peculiarmente marxista – uma linguagem que foi nitidamente demarcada da linguagem obsoleta e arcaica dos marxistas árabes ortodoxos que nunca se recuperaram de sua aprovação subserviente do apoio soviético para o plano de partição das Nações Unidas de 1947 para a Palestina.

Kanafani também era conhecido por nós e outros como um prolífico colunista e jornalista libanês. Ele foi essencial na vida das grandes publicações da época. Ele editou o suplemento Filastin (Palestina) do altamente popular jornal al-Muharrir (al-Muharrir era um jornal nacionalista árabe que representava a contracorrente do An-Nahar de direita, que expressava os pontos de vista das políticas dos EUA e do Golfo). Al-Muharrir foi essencial para desiludir muitos jovens libaneses dos vários mitos nacionalistas libaneses, e também para nos inculcar fortes convicções sobre a Palestina.

Kanafani também escreveu na revista al-Hawadeth e também no jornal Al Anwar. Em Al Anwar, Kanafani iniciou o suplemento semanal cultural. Ele também escreveu em al-Hawadeth usando o nome Rabie Matar e usou o nome Faris Faris em Al Anwar. Mas seu papel de mídia libanesa mainstream e muito bem sucedido chegou ao fim depois de 1967.

Kanafani não se cansava de explicar a causa palestina para quem perguntava. Seu inglês não era fluente, mas ele conseguiu se expressar de forma clara e forte (na entrevista com o jornalista australiano, por exemplo, Kanafani é afiado e não concede um ponto a um jornalista que fala de uma perspectiva ocidental dominante).

Habash e Haddad admiravam muito Kanafani. Haddad o interrogaria sobre a situação internacional antes de planejar ou executar qualquer operação. Kanafani também compartilharia com ambos os últimos debates no Ocidente sobre a causa palestina. Habash o considerava seu amigo mais próximo e dizia após sua morte: perdi metade de mim. Alguns diriam que Habash nunca mais foi o mesmo após o assassinato de Kanafani. Quando a FPLP realizou seu Terceiro Congresso Nacional em 1972, Habash designou Kanafani para escrever o relatório político conhecido como “Tarefas da Nova Etapa”.

Ficou claro que os israelenses conheciam os talentos de alguém como Kanafani e seus serviços à causa palestina, mesmo que ele nunca tenha desempenhado nenhum papel militar no movimento. Israel prefere ter pessoas como Mahmoud Abbas, Muhammad Dahlan, Yasser Abed Rabbo e Jibril Rajoub por perto. Essas pessoas continuam a prejudicar a revolução palestina enquanto Kanafani serviu à causa todos os dias de sua vida.

Relatórios de arquivos americanos desclassificados mostram grande interesse no caso de Ghassan Kanafani. Os americanos e os israelenses ficaram incomodados com o papel de mídia de Kanafani, e alguns documentos dos EUA fariam referências específicas às coletivas de imprensa que ele realizou. Semanas antes de seu assassinato, Kanafani foi agredido por bandidos no oeste de Beirute. An-Nahar publicou a história e zombou da afirmação de Kanafani. Quando Wadie Haddad soube disso, ficou preocupado. Seus associados diriam: mas se fosse o Mossad, eles o teriam matado instantaneamente. Haddad disse na época: não necessariamente. Não necessariamente. O palpite de Haddad estava certo.

Israel nunca teve que justificar o assassinato de um artista, poeta, calígrafo e jornalista. Israel (e o movimento sionista antes dele) nunca se preocupou em explicar o padrão de matar, de atacar civis árabes. As pes-

soas no Ocidente falaram do assassinato israelense: mas Kanafani era um membro do politburo da FPLP no momento de sua morte. A verdade – raramente revelada – é que Kanafani foi postumamente nomeado membro do Politburo. Kanafani em sua vida não teve paciência para a vida de um membro de uma organização que é consumida por reuniões longas e chatas.

Não seria exagero dizer que o legado de Kanafani está renascendo ao ser descoberto por uma nova geração de árabes. Vários sites são dedicados a ele, e seus livros são publicados em várias edições (e pirateados em várias edições). Quem acreditaria que um homem que tinha apenas 36 anos quando morreu teria uma influência tão duradoura? Conte isso como mais um erro de cálculo sionista.

***As'ad Abu Khalil – Professor de ciência política
na California State University, Stanislaus***

Ghassan Kanafani e seu legado

Filho de seu tempo e da luta, Ghassan Kanafani trilhou o caminho do melhor da sua geração. Do tecido social desfeito na Nakba pela violência do colonizador, sempre apoiado por potências imperialistas, ao itinerário da resistência e da luta de libertação; da Literatura de seu povo para a literatura dos explorados e oprimidos, os Condenados da Terra de Frantz Fanon; do nacionalismo árabe ao marxismo revolucionário... ele se forjou na luta e nela adquiriu a força do aço. Passado 50 anos de seu martírio, qual o legado de Ghassan Kanafani para a luta de libertação? O que sua pedagogia do exemplo e sua práxis nos deixaram de orientação?

Esse patrimônio revolucionário pode ser assim sintetizado:

a) Ação aglutinadora: Ghassan sempre foi uma figura política que aglutinou em torno de si intelectuais, artistas e militantes em defesa da Causa Palestina para além das fileiras de seu partido (FPLP). Sempre teve clareza de não ser estreito e sectário na luta, sem perder a rigorosidade que mesma exige da distinção de aliados e inimigos.

b) Ação conscientizadora: Todo esforço para clarificar o significado profundo da luta do povo palestino foi uma marca de Ghassan Kanafani. Usou a literatura como forma privilegiada de diálogo e aproximação com o povo, demonstrando os palestinos como exemplo de massa oprimida e explorada no mundo.

c) Ação multiplicadora: É uma das características mais relevantes de Ghassan Kanafani multiplicar apoiadores e lutadores da nobre Causa Palestina. Como jornalista, a primazia da linguagem que se comunica com o outro, que se interessa em explicar a mais aguda análise de forma a ser compreendido. Como escritor, suas obras queriam sempre tocar e convencer seus leitores da importância da luta e da justeza da Causa, tento em vista sempre a multiplicação de lutadores.

d) Ação articuladora: Ghassan Kanafani, como político, foi um articulador do campo de esquerda não só palestino mas também árabe. Articular é uma ação necessária para aplicar a potência de uma ação política revolucionária, tanto em profundidade como amplitude. A revista al Hadaf é um exemplo desse esforço de Ghassan, como espaço de articulação de artistas e organizações distintas.

e) Ação reflexiva: Qualquer revolucionário deve ter essa capacidade de corrigir seus erros tendo como horizonte o aperfeiçoamento da luta. A evolução histórica de Ghassan Kanafani demonstra isso nitidamente.

f) Ligação entre arte e política: Uma das características fundamentais de Kanafani – talvez o campo em que mais contribuiu com causa palestina. Kanafani expressou a todo o movimento de libertação, sobretudo ao setor de esquerda, a ideia de que a arte era essencial para a construção de uma identidade de luta do povo palestino.

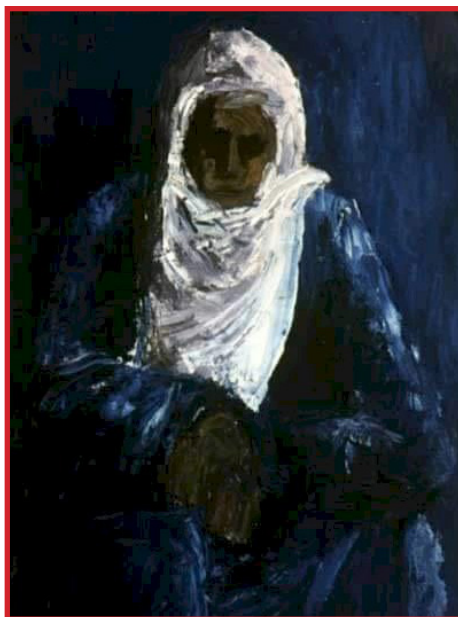
g) Internacionalismo: As lutas dos trabalhadores convergem contra o sistema capitalista e, nesse sentido, nos solidarizamos uns com os outros, independentemente de nossas origens culturais, idiomas, etc. Eis a essência do internacionalismo que Ghassan defendia e vocalizava.

h) Socialismo: É preciso pensar uma alternativa para Palestina, capaz de criar paz, justiça, dignidade, solidariedade, equidade social etc. O socialismo é a melhor síntese para tanto, além de ser a antítese perfeita da colônia-monstro Israel. Kanafani compreendia a alternativa socialista como a mais adequada para resolução da questão palestina, e mais, a viu como parte integrante de um processo maior do mundo árabe e além. Superar o sistema capitalista inventor, promotor e aprofundador do colonialismo e de outros tantos desastres sociais, ambientais, econômicos é uma questão que lhe foi central em sua maturidade política.

Ghassan Kanafani foi assassinado em 8 de julho de 1972, mas não morreu. A morte é o esquecimento total e jamais será esquecido, pois a sua luta que é, no fundo, a de todos que desejam justiça, equidade, dignidade, etc... o tornou mais vivo e celebrado com o passar dos anos. A nobre Causa Palestina e os trabalhadores do mundo todo precisam do legado revolucionário de Ghassan Kanfani.

***Yasser Jamil Fayad – Médico e coordenador
do Movimento de Libertação da Palestina***

Algumas pinturas de Kanafani





- (1) Retorno – Rara ilustração em cartão, 1962
- (2) Resistência – Cartaz
- (3) O beduíno
- (4) A heroína de seus romances: a mulher palestina
- (5) O impacto psicológico da Nakba
- (6) Iconografia palestina

Citações de Kanafani

“ A causa palestina não é apenas dos palestinos, mas uma causa de todo revolucionário, onde quer que esteja, como causa das massas exploradas e oprimidas em nossa era. ”

“ Tudo neste mundo pode ser roubado e saqueado, exceto uma coisa: o amor que emana de um ser humano em direção a um sólido compromisso com uma convicção ou uma causa. ”

“ Você tem algo neste mundo, então defenda-o. ”

“ Não acredite que o homem cresce. Não: ele nasce de repente – uma palavra, em um momento, penetra em seu coração com uma nova pulsação. Uma cena pode arremessá-lo do teto da infância para a dureza da estrada. ”

“ Escrevemos com o sangue pela Palestina. ”

“ Minha posição política vem do fato de eu ser romancista. No que me diz respeito, política e romance são um caso indivisível e posso afirmar categoricamente que me comprometi politicamente porque sou romancista, não o contrário. ”

“ O imperialismo estendeu seu corpo pelo mundo, a cabeça no Leste Asiático, o coração no Oriente Médio, suas artérias chegando à África e à América Latina. Onde quer que você o ataque, você o danifica e serve à Revolução Mundial. ”

“ Se o prisioneiro é espancado, é uma expressão arrogante de medo. ”

Ghassan Kanafani se foi, dono de *A Terra das Laranjas Tristes*, dedicou os textos literários como espaço da situação palestina no interior ocupado e na diáspora. Sua sobrinha Lamis Najm também se foi, a garota cuja imaginação estava ocupada pelo sonho de retornar a um país ameaçado de saque do que restava dele. Mas Ghassan, cinco décadas depois de seu martírio, suas obras ainda estão carregadas de uma emoção viva que traz o leitor de volta à verdade em seu brilho, à inesquecível Palestina na terra e no céu; Palestina, sobre a qual Darwish lamentou Kanafani dizendo: “Se eles o colocassem no céu ou no inferno, você teria ocupado seus moradores com a causa da Palestina”.

Trechos de depoimentos e entrevista

- 1.** Mohsen Ateeq Khan Al-Nadawi: Ghassan Kanafani: um estudo de sua vida e obra (Arquivo/18). Disponível em: <https://www.alnaked-aliraqi.net/article/73904.php>
- 2.** The Killing of Kanafani. Journal of Palestine Studies (1972) 2 (1): 149. Disponível em: online.ucpress.edu/jps/article-abstract/2/1/149/52856/The-Killing-of-Kanafani?redirectedFrom=PDF
- 3.** Entrevista a Richard Carleton. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sd_8LagRSnY&ab_channel=BasemDabbour
- 4.** O que disse o irmão Adnan. Disponível em: <https://bit.ly/3laOEEed>
- 5.** Ghassan Kanafani. Como narrado por sua esposa, Annie – (P1) Registros de Kalid Jum’a. Disponível em: <https://bit.ly/3yG4val>

Referências

1. الزركلي، خير الدين، الأعلام، الجزء الخامس، ط١٧، دار العلم للملايين، ٢٠٠٧، ص ١١٩.
2. أوس داؤود يعقوب، الشهيد غسان كنفاني: ظل الغياب، موقع ديوان العرب، تاريخ <http://www.diwanalarab.com/spip.php?التصفح: ٢٦-٠٩-٢٠١١>، الرابط جميل عرفات، كيف سقطت عكا، مجلة "الأسوار"، العدد الثامن والعشرون، عكا القديمة، ٢٠٠٨، ص ١٠.
4. أفنان قاسم، غسان كنفاني، ص ٤٣، نقلا عن صهيب عالم، أثر المقاومة الفلسطينية في القصة العربية الحديثة، رسالة الدكتوراه، الجامعة الملية الإسلامية، نيو دلهي، سنة ٢٠٠٦، ص ٣٣٢-٣٣٣.
5. جميل عرفات، كيف سقطت عكا، مجلة الأسوار، العدد الثامن والعشرون، عكا القديمة، ٢٠٠٨، ص ١١-١٣.
6. Muhammad Siddiq, Man is a Cause: Political consciousness and the fiction of Ghassan Kanafani, University of Washington Press, London, ١٩٨٤, P no. ٩٤.
7. الزركلي، خير الدين، الأعلام، الجزء الخامس، ط١٧، دار العلم للملايين، ٢٠٠٧، ص ١١٩.
8. Muhammad Siddiq, Man is a Cause: Political consciousness and the fiction of Ghassan Kanafani, University of Washington Press, London, ١٩٨٤, P no. ٩٤.
9. Muhammad Siddiq, Man is a Cause: Political consciousness and the fiction of Ghassan Kanafani, University of Washington Press, London, ١٩٨٤, P no. ٩٤. (the same reference with ٩)
10. أوس داؤد يعقوب، غسان كنفاني: الشاهد والشهيد، مجلة الفكر، ملحق العدد ١١٣، ص ٢٠.
11. أفنان قاسم، غسان كنفاني، ص ٤٣، نقلا عن صهيب عالم، أثر المقاومة الفلسطينية في القصة العربية الحديثة، رسالة الدكتوراه، الجامعة الملية الإسلامية، نيو دلهي، سنة ٢٠٠٦.
12. Muhammad Siddiq, Man is a Cause: Political consciousness and the fiction of Ghassan Kanafani, University of Washington Press, London, ١٩٨٤, P no. ٩٥.
13. أفنان قاسم، غسان كنفاني، ص ٤٣، نقلا عن صهيب عالم، أثر المقاومة الفلسطينية في القصة العربية الحديثة، رسالة الدكتوراه، الجامعة الملية الإسلامية، نيو دلهي، سنة ٢٠٠٦، ص ٣٣٤.

14. Muhammad Siddiq, *Man is a Cause: Political consciousness and the fiction of Ghassan Kanafani*, University of Washington Press, London, ١٩٨٤, P no. ٩٥.
15. أفنان قاسم، غسان كنفاني، ص ٤٣، نقلا عن صهيب عالم، أثر المقاومة الفلسطينية في القصة العربية الحديثة، رسالة الدكتوراه، الجامعة الملكية الإسلامية، نيو دلهي، سنة ٢٠٠٦، ص ٣٣٤.
16. Muhammad Siddiq, *Man is a Cause: Political consciousness and the fiction of Ghassan Kanafani*, University of Washington Press, London, ١٩٨٤, P no. ٩٥.
17. Muhammad Siddiq, *Man is a Cause: Political consciousness and the fiction of Ghassan Kanafani*, University of Washington Press, London, ١٩٨٤, P no. ٩٥.
18. Muhammad Siddiq, *Man is a Cause: Political consciousness and the fiction of Ghassan Kanafani*, University of Washington Press, London, ١٩٨٤, P no. ٩٨.
19. الأسدي، عبده، دليل صحافة المقاومة الفلسطينية (١٩٦٥-١٩٩٥)، دار النمير للنشر والطباعة والتوزيع، دمشق، ١٩٩٨، ص ١٧٠.
20. أوس داؤود يعقوب، الشهيد غسان كنفاني: ظل الغياب، موقع ديوان العرب، الرابط <http://www.diwanalarab.com/spip.php?article٢٩٣٩٥> تاريخ التصفح: ٢٦-٩-٢٠١١، الرابط
21. Ghassan Kanafani, *The ٣٩-١٩٣٦ Revolt in Palestine*, Committee for a Democratic Palestine, New York, ١٩٧٢, page no. ٠٢.
22. Muhammad Siddiq, *Man is a Cause: Political consciousness and the fiction of Ghassan Kanafani*, University of Washington Press, London, ١٩٨٤, P no. ١٠٠.
23. أوس داؤود يعقوب، الشهيد غسان كنفاني: ظل الغياب، موقع ديوان العرب، الرابط <http://www.diwanalarab.com/spip.php?article٢٩٣٩٥> تاريخ التصفح: ٢٦-٩-٢٠١١، الرابط

MEMO

MONITOR DO ORIENTE MEDIO

Criando Novas Perspectivas



monitordooriente.com



/monitordooriente



@monitordoorient



@monitordooriente